

A vida como relato na era do *fast-forward* e do *real time*: algumas reflexões sobre o fenômeno dos *blogs*¹

Paula Sibilía

RESUMO

Em contraste com algumas formas modernas de atualizar a memória das próprias experiências vividas (do diário íntimo à psicanálise, do romance clássico às autobiografias românticas), este artigo examina o fenômeno dos *weblogs*, *photoblogs* e *videoblogs* do tipo confessional; isto é, aqueles que expõem na Internet a intimidade de seus autores. Estas novas manifestações dos gêneros autobiográficos seriam uma tentativa atualíssima de “recuperar o tempo perdido” na vertigem do *tempo real*, do “sem tempo” e do presente constantemente “presentificado”, todos fatores que caracterizam a contemporaneidade. A peculiar inscrição cronológica desses novos “relatos do eu” denota uma certa reconfiguração das subjetividades, que se distanciam das modalidades tipicamente modernas de ser e estar no mundo. Assim como ocorre com a idéia de **interioridade**, também está sofrendo alterações o valor atribuído a outro fator primordial na constituição da identidade individual: o estatuto do **passado** como um alicerce fundamental do eu. Apesar de sua permanência como fatores ainda relevantes, essas duas noções que desempenharam papéis de primeira ordem na conformação das subjetividades modernas hoje parecem estar perdendo peso na definição do que cada um é, dando a luz a novos regimes de constituição do eu.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Escritas de si. *Blogs*. Subjetividade. Internet.

¹Este artigo é uma versão revisada do trabalho apresentado no GT *Tecnologias Informacionais de Comunicação e Sociedade*, no XIII Encontro da COMPÓS, realizado na UME SP – São Bernardo do Campo, SP, no mês de junho de 2004.

O homem sofre das memórias
Sigmund Freud

*Não quero mais ser eu!!
Mas eu me grudo a mim e inextricavelmente
forma-se uma tessitura de vida.*
Clarice Lispector

1 Arqueologia de si: mergulhar, escavar, recriar as ruínas de cada um

Certa tradição ocidental leva a pensar no ser humano como uma criatura dotada de uma profundidade abissal, oculta, frondosa, em cujos obscuros meandros se esconde uma bagagem tão secreta como incomensurável. Infinitos dados, acontecimentos vividos ou fantasiados, personagens queridos ou esquecidos, sonhos, desejos inconscientes, firmes ambições, vontades inconfessáveis, medos, ódios, amores, dúvidas, certezas, dores, alegrias, lembranças difusas... enfim, todos os sedimentos da experiência vivida e da imaginação de cada um. Se pudesse ser conhecida — acredita-se — toda essa polpa misteriosa resguardada sob a pele e no âmago de cada indivíduo seria capaz de revelar *o que cada um é*. Mas essa revelação não é nada simples, pois tal acúmulo substancial é etéreo, gasoso, imaterial. É feito da matéria dos sonhos, aquela que inexplicavelmente nos constitui: volátil, fluida, fantasmal. Tudo isso é intangível, e seus contornos apenas podem ser intuídos ocasionalmente, como um clarão que subitamente reluz e logo se esvai, entrevisto de maneira enviesada, turva, confusa, seja por acaso ou após um árduo trabalho de introspecção.

Tal é, ao menos, uma caracterização daquilo que constitui a “essência” do homem moderno, aquele que protagonizou as sociedades industriais do Ocidente dos últimos dois séculos: o *homo psicologicus*. Um tipo de sujeito que podia (e *devia*) ser estudado com a ajuda das ferramentas e dos saberes mais

característicos daquele período histórico. Dentre esses saberes, a psicanálise desempenha um papel de enorme relevância. De acordo com essa visão do mundo e com essa definição do homem, o **passado** tem um sentido importantíssimo na configuração do presente e de tudo quanto é. Por isso, impõe-se o mergulho na interioridade subjetiva de cada indivíduo à procura dos restos de experiências alojados na própria memória, sinais que permitam decifrar o significado do presente e do *eu*. Essa viagem introspectiva pode ser um autêntico *mergulho* — pois consiste em nadar nas sombrias profundezas da subjetividade para desvendar seus enigmas — ou, apelando para outro campo metafórico igualmente fértil, a proposta equivale a fazer uma *excavação* a fim de examinar as diversas camadas geológicas que foram se acumulando ao longo da história individual para conformar uma determinada subjetividade. Ou seja: efetuar uma arqueologia do eu.

Completamente inserido neste paradigma, Sigmund Freud (1948) recorreu a duas belas metáforas para exemplificar as diversas maneiras de se praticar essa arqueologia nos labirintos da mente: Roma e Pompéia. Foi o crítico francês Philippe Dubois que exumou os textos freudianos para resgatá-las, em um instigante artigo dedicado a estudar uma série de filmes documentários em primeira pessoa. Ao indagar os modos de inscrição do passado na psique, procurando descobrir os mecanismos de conservação das impressões mentais, Freud enunciou essas duas respostas: diferentes, mas complementares. A comparação com Roma evoca a “cidade eterna” como um território em ruínas, povoado por uma infinidade de cacos, estilhaços do passado dispersos desordenadamente em diversas camadas históricas. Com base nesta imagem, entende-se o famoso postulado da psicanálise: nada na vida psíquica se perde para sempre, pois tudo o que já aconteceu pode reaparecer e tornar-se significativo no presente. Em seu caos despedaçado, porém, Roma também expressa seu caráter fantasmal: o impossível sonho da manutenção de tudo em seu lugar e na sua totalidade. Essa vontade de conservação total

afetou fortemente a sensibilidade romântica, nutrindo o impulso que deu à luz aos mais diversos gêneros autobiográficos: olhar introspectivo e auto-reflexivo, gesto retrospectivo com vocação hermenêutica; todos fatores fundamentais na constituição da subjetividade moderna.

Em contraste com esse acúmulo de múltiplos fragmentos quebrados e dispersos que Roma emblematiza, a outra metáfora arqueológica capaz de esclarecer os mecanismos das lembranças no aparelho psíquico é Pompéia. A alusão à cidade petrificada evoca a preservação intacta de uma imagem: uma instantânea eternizada, verdadeira “lembrança fotográfica”, um bloco de espaço-tempo congelado de uma só vez e para sempre, tal como a cidade mumificada sob a lava do vulcão.

Trata-se de duas temporalidades distintas e opostas, mutuamente excludentes porém complementares: ou é Roma, a multiplicidade das camadas, mas sempre parcelares; ou é Pompéia, a totalidade preservada em um momento singular. O aparelho psíquico flutua entre ambas as modalidades de recordações, entre ambos os tipos de restos arqueológicos — marcas mnêmicas soterradas, vestígios de um *eu* que já se fora — sem jamais conseguir juntá-las, pois é impossível atualizar simultaneamente todas essas virtualidades registradas na memória. Roma ou Pompéia. “De um lado, um tempo da acumulação, da propagação, da saturação, porém fragmentário; de outro lado, um tempo da captura, do corte, do instante, porém totalizante [...]”, resume Dubois (1995, p. 71). Explica-se, assim, o sonho impossível de reunir na indagação do próprio passado a multiplicidade e a integralidade, a **duração** e o **instante**.

2 Memória tecno-lógica: ainda é possível ir “em busca do tempo perdido”?

A arqueologia pode parecer, hoje em dia, uma atividade digna de outras eras — e até mesmo de outros mundos. Sem desdenhar essas mitologias, outras metáforas surgem ao reconstruir o passado como um arcabouço

significante da história individual. Àquelas imagens já clássicas que aludiam à arqueologia e à geologia, somam-se as expressões provenientes da fotografia e do cinema: revelar, velar, obturar, superexpor, aplicar filtros. Agora é possível rebobinar o filme da vida, operar *flashbacks* ou cortes abruptos em certas seqüências, focalizar ou aplicar *zoom* sobre um detalhe, evocar uma cena em câmera-lenta ou realizar uma decupagem cuidadosa, fazer um rápido *travelling* numa paisagem, efetuar um *close-up* sobre um rosto, repassar uma seqüência inteira do próprio passado de maneira linear e pormenorizada, priorizar a trilha sonora de um determinado episódio ou editar a montagem de diversos eventos como se fosse um videoclipe. Também se multiplicam as metáforas procedentes do universo informático na hora de arquivar ou *deletar* algum dado da nossa mente, *escanear* na memória procurando algo esquecido, gravar uma informação com segurança redobrada, ou *clicar* no ponto certo e abrir um inesperado *link* hipertextual.

Não são triviais estas alterações nas formas com que pensamos as recordações, os mecanismos da memória e a própria vida como um relato. Cada vez mais, a vida passa a ser uma história inspirada nos modelos audiovisuais que permeiam e recriam constantemente o mundo, enquanto o *eu* se espelha nos personagens que desbordam das telas. Parece uma proeza incompatível com os ritmos que sacodem a atualidade, por exemplo, a de ler as duas mil e duzentas páginas de *Em busca do tempo perdido*, a monumental obra autoarqueológica de Marcel Proust, iniciada em 1908 e concluída com a morte do autor, em 1922. Ainda mais longínqua parece a possibilidade de escrever algo assim, empreendendo essa gigantesca tarefa de *recherche* na história da própria vida para estilizá-la no papel com recursos literários. As velocidades que turbinam os corpos, as almas e os relógios na era do *tempo real* parecem conspirar contra tais introspecções profundas e demoradas, quase sempre dolorosas e laboriosas, sistemáticas e disciplinadas.

Por quê? Vivemos uma época em que o **passado** parece ter perdido boa

parte do seu sentido como *causa* do **presente**. Mais ainda: a questão do sentido não parece estar em questão e nem fazer muito sentido, pois a sociedade atual se projeta nos *efeitos* (aqueles que antes eram entendidos como “meros sintomas” de uma “causa profunda”) enquanto desdenha as *causas* e os fundamentos, que outrora eram investigados como nós significativos capazes de “explicar” todos os efeitos e sintomas. A eficiência e a eficácia — a capacidade de produzir determinados efeitos — tornam-se justificativas auto-suficientes, que dispensam toda explicação causal e qualquer pergunta pelo sentido. Tudo o que passou, parece ter acabado: alguma vez houve um passado, sim, mas aparentemente já não há mais. E esse movimento de começo absoluto na contemporaneidade coincide com o assentamento da tecnociência como um tipo de saber hegemônico; isto é, com a fusão da *ciência* (que é um saber-*saber*) e a *técnica* (que é um saber-*fazer*). E, inclusive, com a ênfase assinalando a prioridade ontológica deste último fator integrante do par, em demérito da “ciência pura” que era privilegiada antigamente. Neste novo contexto, o passado só parece servir para ser *consumido*, uma vez recriado de maneira estetizada como objeto de curiosidade, nostalgia ou sentimentalismo — sempre convenientemente à venda. A sua velha função parece ter caducado: o passado não serve mais para conceder inteligibilidade ao caótico fluir do tempo, e nem para explicar o presente ou a mítica singularidade do *eu*.

Podemos dizer, então, que hoje o tempo se perdeu completamente? Perdeu sua espessura semântica, sua potência causal, enfim, seu sentido? Já não seria mais possível ir buscá-lo nas recônditas cavidades do passado, a fim de recuperá-lo e trazê-lo à superfície do presente? Quer dizer que o tempo desapareceu logo agora, quando se tornara um dos bens mais cotados na economia global e acabara de ganhar o pomposo adjetivo de *real*? Ou talvez foi precisamente por isso que ele se perdeu? Ao se *realizar*, o tempo talvez tenha perdido sua velha linearidade de vocação teleológica, *presentificando-se* fatalmente e petrificando tudo em uma mera sucessão de Pompéias instantâneas?

Teria ficado definitivamente obsoleto (*game over?*) aquele tempo laboriosamente “recuperado”? E, portanto, hoje seria virtualmente impossível efetuar uma introspecção na própria interioridade para reconstruir como um relato — seja de maneira artística, psicanalítica ou artesanal — as ruínas daquele passado pessoal comparáveis aos vestígios de uma velha Roma?

Não é fácil responder às perguntas abertas no último parágrafo. Ainda hoje, apesar das intensas convulsões que estremecem o mundo, parece impossível negar uma obviedade: tudo que existe, existe no tempo. A temporalidade constitui as coisas: o que é, é no tempo. Mas o tempo também é uma categoria sociocultural, e as suas características mudam ao sabor da história. Uma imagem talvez sirva para esclarecer este ponto: a do relógio. Máquina emblemática do capitalismo, nas últimas décadas sofreu o *upgrade* de praxe ao passar das leis **mecânicas** e **analógicas** para as **informáticas** e **digitais**. Culminando um processo iniciado com a sua invenção nos rígidos mosteiros da Europa medieval, a sua função foi completamente internalizada no Ocidente industrializado dos últimos dois séculos. Nesse período, uma proliferação de modelos invadiu os lares do mundo inteiro, os prédios e as ruas das cidades, e inclusive foram embutidos nos pulsos das pessoas e nos artefatos de uso cotidiano. Contudo, um fato recente — a tradução dos relógios analógicos para os digitais — emite alguns sinais interessantes: nos mais novos modelos, o tempo perdeu os interstícios. Agora ele não é mais compartimentado geometricamente. E ao se converter em um contínuo fluido, ondulante e total, sua função reguladora e sincronizadora dos ritmos na sociedade capitalista parece ter se intensificado e complexificado.

Como estão se refletindo essas mutações na maneira com que percebemos o tempo (próprio) passado? De acordo com as teorias apresentadas no instigante ensaio *Matéria e memória*, de Henri Bergson, existe um vínculo inextrável entre **percepção** e **memória**. A percepção é um ato contínuo na experiência vital do sujeito, porém a necessidade de ação presente limita e

filtra o que é de fato percebido. Desse modo, sempre se efetua um recorte no mundo percebido em função da própria subjetividade e das necessidades presentes. E a memória se encarrega de trazer à tona todas aquelas representações percebidas embora não ligadas à ação presente. Por isso, a percepção do passado (com seu fluxo de lembranças e sua objetivação do tempo vivido) irá aumentar se o sujeito estiver *inativo*, se as mencionadas “necessidades de ação presentes” forem escassas ou praticamente nulas (BERGSON, 2000).

Estas reflexões interessam aqui pela sua capacidade de iluminar certos mecanismos na “recuperação do tempo perdido” e, talvez, sugerir algum indício sobre a sua viabilidade na nossa época: uma era na qual proliferam os *blogs* confessionais. Vamos convocar, para isso, alguns personagens que bem poderiam praticar nestas páginas um diálogo certamente improvável. Em primeiro lugar, aludiremos aos *precogs*, aqueles estranhos seres apresentados no filme *Minority Report*, de Steven Spielberg. Geneticamente projetados com fins utilitários — para o uso da Polícia em suas investigações criminais — por terem um contato muito afinado com o passado e com o futuro, é sintomático (e bem bergsoniano) que eles devam permanecer imóveis, com seus corpos fracos e intumescidos sempre flutuando de maneira inerte em uma espécie de líquido amniótico. Essa incapacidade de agir e se movimentar combinada com uma capacidade de memória total aparece em outro personagem fictício: o famoso Ireneo Funes, “el memorioso”, criado em 1944 por Jorge Luis Borges. Vítima de um acidente que o condenara a passar o resto da vida prostrado em uma cama, o jovem Funes tinha bastante mais do que uma percepção aguda e uma memória prodigiosa: era capaz de captar absolutamente todas as arestas da realidade com seus sentidos infalíveis e, além disso, não conseguia esquecer de nada.

Já é mítica, por outro lado, a imagem que evoca a figura de Marcel Proust recolhido em seu leito de doente, praticamente imobilizado nos últimos anos da sua vida, com todas as energias dedicadas a resgatar das névoas da memória

suas recordações das décadas vividas, para redigi-las fervorosamente no papel. Proust, sabe-se, sofria de insônia. Na solidão noturna, como também se sabe, os fantasmas andam soltos; assim, aquelas longas e terríveis noites em branco se converteram em um campo fértil para o assédio das lembranças, e forneceram valiosos materiais para a sua reconstrução escrita no presente. A fábula de Funes, por sua vez, como esclarece o próprio Borges (1999, p. 483) “[...] é uma longa metáfora sobre a insônia.” Vejamos, agora, o que disse Friedrich Nietzsche em sua *Segunda consideração intempestiva*, concebida em 1873:

Pensem no exemplo mais extremo, um homem que não possuísse de modo algum a força de esquecer e que estivesse condenado a ver por toda parte um vir-a-ser: tal homem não acredita mais em seu próprio ser, não acredita mais em si, vê tudo desmanchar-se em pontos móveis e se perde nesta torrente de vir-a-ser... A todo agir liga-se um esquecer... Um homem que quisesse sempre sentir apenas historicamente seria semelhante ao que se obrigasse a abster-se de dormir... Portanto: é possível viver quase sem lembrança, sim, e viver feliz assim, como o mostra o animal; mas é absolutamente impossível viver, em geral, sem esquecimento. (NIETZSCHE, 2003, p. 9-10)

A memória é um assunto bem debatido em anos recentes, preocupando especialmente as suas “falhas”. Em uma era na qual o Mal de Alzheimer se espalha como um dos fantasmas mais temíveis e cruéis — assombrando os finais de nossas vidas, que são cada vez mais longas porém ainda sujeitas à mecânica fatal do envelhecimento e da morte — abundam os filmes como *Amnésia* ou *Iris*, que problematizam a perda da memória. E junto com ela, quase sempre, perde-se a “identidade” do sujeito em questão: aquilo que se é. De modo semelhante, tanto das pesquisas neurocientíficas como do senso-comum emanam as metáforas computacionais e informáticas para aludir ao funcionamento da memória. Filmes como *Total recall*, *Johnny mnemonic*, *eXistenZ*, *Estranhos prazeres* e *Brilho eterno de uma mente sem lembranças* mostram a compatibilidade entre os dispositivos informáticos e os circuitos mentais, ambos compartilhando a mesma lógica digital do *software* e do *hardware*. Em *Matrix*, inclusive, um fenômeno como o *dejà vu* — um tipo de

paramnésia — é explicado como sendo um *bug* (ou uma falha) no *software* que emula o mundo. Mas as próteses informáticas e os implantes de memória digital não são meras fantasias da nossa ficção-científica; ao contrário, o assunto está na agenda das pesquisas de ponta em áreas como as neurociências e a Inteligência Artificial. De acordo com seus representantes mais entusiastas, nos próximos anos promete se tornar um tipo de produto disponível no mercado global.

Tanto essas ficções como essas realidades parecem sucumbir à imensa sedução de uma memória fotográfica e total, super-humana, capaz de ultrapassar aquelas limitações do aparelho psíquico descrito por Freud, a fim de realizar a união outrora “impossível” de **Roma e Pompéia**, multiplicidade e integralidade, **duração** e **instante**. À luz desses sonhos tecnocientíficos, adquire novos matizes o “esquecimento feliz” proposto por Nietzsche para combater uma certa hipertrofia da memória que já se insinuava no remoto final do século XIX, uma época atacada pela febre historicista. Para isso, pode ser instigante reler uma das conclusões que inspirou em Borges (1999, p. 490) o personagem de Funes: “Desconfio, no entanto, que ele não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair. No abarrotado mundo de Funes não havia senão detalhes quase imediatos.” Um mundo terrível, portanto, inundado de um excesso de dados, um gigantesco conjunto de fotos fixas completamente nítidas e absolutamente fiéis ao referente, isto é, um mundo feito de infinitas Pompéias organizadas com perfeita exatidão no tempo e no espaço. “Funes discernia continuamente os tranquilos avanços da corrupção, das cáries, da fadiga [...]”, prossegue o relato borgiano. “Notava os progressos da morte, da umidade. Era o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo e quase intoleravelmente preciso.” (BORGES, 1999, p.490).

Impossível esquecer, então, sob a pressão de uma memória implacável que tudo registra e nada descarta, essa profusão de detalhes (todos eles igualmente importantes). Impossível abstrair e escolher apenas uma série de traços

nesse mar prolixo, para poder delinear um quadro que esboce a totalidade confusa de uma Roma em ruínas. Uma meta certamente impossível no caso de Funes, mas é evidente que essa foi a tarefa empreendida por Proust em suas noites de insônia e em seus longos dias de escrita sem descanso na França do início do século XX. Com sua memória demasiadamente humana, o escritor mergulhou em sua frondosa interioridade para “resgatar” um mundo passado e recriá-lo em seu presente. Assim, preenchendo com a pluma milhares de páginas, Proust pintou todas as ruínas de sua Roma particular.

3 Do diário íntimo ao *blog*: metamorfoses de um certo impulso romântico?

Esse tipo de atividade introspectiva que soube dar à luz a numerosas jóias da literatura universal, também se converteu em rotina na solidão do “quarto próprio” da era burguesa. E foi a chama que acendeu o furor da escrita de diários íntimos ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX. Qual seria, porém, a viabilidade de um “diário íntimo” no contexto atual? Em uma era tão desmemoriada e tão obcecada pelo sonho de criar um substituto tecnológico da frágil memória orgânica, um tempo tão viciado na instantaneidade e tão vertiginosamente “sem tempo”, é forte a tentação de responder a essa pergunta de maneira categórica: nenhuma chance. Hoje em dia, aquela zelosa prática que soube contagiar milhões de almas tem ficado ostensivamente fora de lugar (e, sobretudo, fora de tempo), confirmando a sua morte repetidamente anunciada nas últimas décadas. Mas estas afirmações contradizem alguns indícios que teimam em desconcertar as mais óbvias certas. O sucesso editorial das biografias e das autobiografias, por exemplo, excede as margens de um mero fenômeno de mercado: há uma revalorização das histórias individuais e familiares, e um revigorado interesse pelas vidas alheias. Nas mais diversas mídias, percebe-se uma voracidade com relação a tudo que remeta a “vidas reais”. Da proliferação de documentários em primeira pessoa ao sucesso

internacional dos *reality-shows* e ao surpreendente auge dos *blogs* que constituem o motivo propulsor deste artigo: uma novíssima espécie de “diário íntimo” publicado na Internet pelos usuários do mundo inteiro.

É possível vislumbrar, nestas novidades, alguns rastros de um gesto tipicamente romântico. Pois foi no auge desse movimento estético-filosófico que os diários íntimos e as autobiografias se multiplicaram pelo mundo ocidental: nos românticos séculos XVIII e XIX, a configuração de valores que acabou conformando o individualismo moderno estava afinando seus contornos, e o culto à singularidade individual se encontrava na ordem do dia. Era preciso desvendar essa prenda misteriosa, cavando nos meandros interiores de cada *eu* para descrever no papel todas suas peripécias e torções. Não há dúvidas que hoje persiste esse culto à singularidade individual e essa vontade de *ser diferente*, uma palavra de ordem que tem se tornado um imperativo das mensagens publicitárias e um ingrediente básico da sedução consumista. Para estilizar e exibir tais qualidades *únicas* de cada um, porém, já não é preciso escavar nas trevas do próprio passado, nem cultivar ou sequer pesquisar na própria interioridade. Cada vez mais, *o que cada um é* mostra-se na superfície visível do corpo, na epiderme trabalhada como um objeto de design. E, também, na auto-estilização inspirada nos personagens cinematográficos, de preferência exposta em uma tela. Eis uma pista que talvez possa explicar esse curioso “detalhe” dos novos diários íntimos publicados na Internet, tão opostos a seus ancestrais genuinamente *privados*: o fato de nascerem com vocação exibicionista, para serem vistos e lidos por milhões de olhos alheios nas infinitas telas da rede.

Nestes novos relatos auto-referentes assomam, também, certos ares daquela vontade tipicamente romântica de “reter o tempo”: aquela ânsia de guardar algo próprio e valioso, mas que inevitavelmente irá escapar na vertigem da aceleração contemporânea. O sonho impossível de preservar toda a miudeza que conforma a própria vida: milhões de *instantes* passados e enfileirados em

sua **duração** até o presente. Assim, aquilo que os *foto*logs realizam de maneira literal, publicando imagens fotográficas cotidianas dos usuários da Internet (inúmeras Pompéias mudas, enigmáticas fotos-múmias, pura superfície que costuma calar a sua espessura semântica), os *blogs* procuram fazê-lo recorrendo a uma tecnologia bem mais antiga: a palavra escrita. Os autores desses diários do ciberespaço realizam operações de congelamento do tempo, como se fotografassem certos momentos de suas vidas e os fixassem em um imenso quadro-negro virtual de alcance global. Pílulas de tempo próprio congelado e parado, faíscas do próprio presente sempre *presentificado*, fotografado em palavras e exposto para todo o mundo ver.

A nossa experiência do dia-a-dia, entretanto, delata tempos fragmentados e voláteis, inexoravelmente fugidios, e a fragilidade da memória está em evidência. Por um lado, os cientistas buscam desenvolver substitutos computacionais para os fustigados circuitos orgânicos. Por outro lado, os aparelhos digitais não cessam de revelar suas fraquezas no armazenamento de informações: da incompatibilidade entre os diversos formatos de arquivos e dispositivos, que ficam velozmente obsoletos, até os ataques dos *hackers*, vírus e outras pragas igualmente “imateriais” e difíceis de se controlar. Além disso, uma pesquisa causou certo impacto ao anunciar que “a onda dos *blogs*” teria ingressado em uma “fase de calmaria”, visto que dos 4,12 milhões de *blogs* criados nos oito principais serviços de hospedagem do mundo, 2,72 milhões (ou 66%) estavam praticamente abandonados, pois não tinham sido atualizados nos últimos dois meses. A média de atualização costuma ser de 14 dias, apenas 106,5 mil são atualizados pelo menos uma vez por semana e menos de 50 mil o fazem diariamente.² Mas nada disso parece surpreendente; é lógico, aliás — pois, como sabemos, não há mais tempo para nada. Isso se verifica em vários sentidos: não

² Documento eletrônico. A pesquisa esclarece, contudo, que os diários íntimos da Internet continuam a ser criados numa velocidade que supera amplamente à do abandono. *Blogs* vivem fase de calmaria, revela pesquisa. *IDG Now!*, 26 nov. 2003. Disponível em: <http://www.perseus.com/blogsurvey>. Acesso em: 13 set. 2005.

há tempo para ler, nem para escrever ou sequer para *rechercher*. Não há mais passado fundador do presente e do *eu*, e não há mais um futuro radicalmente diferente no horizonte. Só resta, portanto, ao que parece, apenas uma coisa: o presente constantemente *presentificado*. Nesse sentido, longe daqueles diários íntimos do século XIX, os nossos *blogs* conformam prolixas **coleções de tempos presentes**, que visam a uma certa **espetacularização do eu**.

Para os especialistas, a organização cronológica é um dos traços constitutivos dos *blogs*: as últimas atualizações aparecerem no início do *site* e as mais antigas abaixo, e cada bloco de texto é obstinadamente encabeçado pela data (e horário) da publicação. “Essa estrutura privilegia sempre a atualização mais recente, mostrando ao visitante de modo quase imediato se o *site* foi atualizado ou não”, resume a pesquisadora Raquel Recuero (2003). Os *blogs* exibem uma série de fotos fixas, recortes de instantes colados um após o outro: retratos instantâneos de momentos presentes que vão *passando*, mas não se articulam e sedimentam para constituir um *passado* à moda antiga. Enfim, uma coleção de **Pompéias** petrificadas e primorosamente classificadas em ordem cronológica... nada de **Romas** eternas, infinitas e fatalmente “desordenadas” em uma estrutura narrativa com sonhos de coerência e vocação totalizadora.³

4 Mutações subjetivas na Internet

A conclusão — sempre provisória, como a frágil matéria de que somos feitos — é que estes novos fenômenos revelam mais um traço no processo de reconfiguração que atravessam as subjetividades contemporâneas. Os gêneros autobiográficos que proliferam na Internet são sintomáticos destas novas torções subjetivas, por evidenciarem importantes mudanças nos valores atribuídos à idéia de **interioridade** e ao estatuto do **passado** como dois alicerces

³ Cabe mencionar ainda os estudos de Gustavo Fischer (2003) sobre a peculiar temporalidade do *blog*, compreendido como um “armazenamento de agoras” ou uma coleção de momentos presentes. O autor detecta uma construção “episódica” da história de vida nos diários publicados na Internet.

fundamentais do *eu*. Essas duas noções foram primordiais na constituição das subjetividades modernas e, apesar da sua permanência como fatores ainda relevantes, parecem estar perdendo seu peso na definição do que cada um é.⁴ Apesar de seu parentesco com as velhas práticas do diário íntimo tradicional, portanto, os *blogs* confessionais, os *fotlogs*, os *videologs* e as *webcams* que hoje inundam a Internet (bem como os *e-mails* e os *chats* que os atravessam e sustentam) revelam a emergência de novos modos de ser: subjetividades afinadas com uma formação histórica cada vez mais distante do tempo em que fomos e devíamos ser absolutamente modernos.

Life as a tale in the age of fast-forward and real time: some thoughts on the blogs phenomena

ABSTRACT

Against some modern ways of updating the memories of lived experiences (from the personal diary to psychoanalysis, from the classical novel to the romantic autobiographies), this article examines the phenomena of weblogs, photologs and videologs of confessional type; that is, those that expose the intimacy of their authors in Internet. These new manifestation of the autobiographical genres would be a very current attempt to "recover lost time" in the rush of real time, of the "timelessness" and of the present constantly "presentified", all the factors that characterize contemporary times. The peculiar chronological inscription of these new "tales of the self" denotes a certain reconfiguration of subjectivities that set themselves apart from typical modern modalities. As it happens with the idea of **interiority**, the value attributed to another primal factor of the constitution of an individual's identity is undergoing transformations: the statute of the **past** as a fundamental pillar of the self. Despite its permanence as still relevant factors, both notions, which had a prominent role in the conformation of modern subjectivities, today



⁴ Enquanto o presente artigo privilegia o estatuto da memória e do **passado** na definição do *eu*, a questão da **interioridade** foi analisada com mais detalhe em um artigo anterior, apresentado e discutido em diversas versões nos encontros da COMPÓS e da INTERCOM de 2003, e publicado sob o título "Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica" no livro *Olhares sobre a cibercultura*.

seem to be losing weight in defining what each person is, thus giving rise to new regimes of constitution of the self.

KEYWORDS: Memory. Writings about oneself. Blogs. Subjectivity. Internet

La vida como relato en la era del *fast-forward* y del *real time*: Algunas reflexiones sobre el fenómeno de los *blogs*

RESUMEN

En contraste con algunas formas modernas de actualizar la memoria de las propias experiencias vividas (desde el diario íntimo hasta el psicoanálisis, desde el romance clásico hasta las autobiografías románticas), este artículo examina el fenómeno de los *weblogs*, *foto blogs* y *video blogs* de tipo confesional; es decir, aquellos que exponen en Internet la intimidad de sus autores. Estas nuevas manifestaciones de los géneros autobiográficos serían un intento sumamente actual de "recuperar el tiempo perdido" en el vértigo del *tempo real*, del "sin tiempo" y del presente constantemente "presentificado", todos factores que caracterizan a la contemporaneidad. La peculiar inscripción cronológica de estos nuevos "relatos del yo" denota cierta reconfiguración de las subjetividades, que se distancian de las modalidades típicamente modernas de ser y estar en el mundo. Así como ocurre con la idea de **interioridad**, también está sufriendo alteraciones el valor atribuido a otro factor primordial en la constitución de la identidad individual: el estatuto del **pasado** como un pilar fundamental del yo. A pesar de su permanencia como factores todavía relevantes, esas dos nociones que desempeñaron papeles centrales en la conformación de las subjetividades modernas hoy parecen estar perdiendo peso en la definición de lo que *es* cada sujeto, generando nuevos regímenes de constitución del yo.

PALABRAS-CLAVE: Memoria. Escrituras de sí. *Blogs*. Subjetividad. Internet.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 292 p.

BLOGS vivem fase de calmaria, revela pesquisa. **IDG Now!**, 26 nov. 2003. Disponível em: <http://www.perseus.com/blogsurvey>. Acesso em: 13 set. 2005.

BORGES, Jorge Luis. Funes, el memorioso. In: **Obras completas**, 2.ed. Buenos Aires: Emecé, v.1, p. 483-490, 1999.

DUBOIS, Philippe. A “foto-autobiografia”: a fotografia como imagem-memória no cinema documental moderno. **Imagens**, Campinas, n. 4, p. 64-76, abr. 1995.

FISCHER, Gustavo. Relações sujeito-tempo nos diários *online*: o “armazenamento de agoras”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Mídia, ética e sociedade**. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. 1 CD-ROM

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda consideração intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 102 p.

PROUST, Marcel. **En busca del tiempo perdido**. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1947. 2180 p.

RECUERO, Raquel. Warblogs: os *blogs* a Guerra no Iraque e o jornalismo online. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte. **Mídia, ética e sociedade**. Belo Horizonte: INTERCOM, 2003. 1 CD-ROM

Paula Sibilía

*Mestre em Comunicação, Imagem e Informação pela
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

*Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade
Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ)*

E-mail: sibilía@terra.com.br